

DO CURRAL DA FAZENDA AO CORREDOR CULTURAL DA CIDADE : A BRINCADEIRA DO BOI NA SEDE DE SOBRAL-CE (2005 – 2016)

Maria Valéria Abreu Pontes¹

Gerson Augusto de Oliveira Júnior²

RESUMO:A pesquisa apresenta o folguedo natalino da brincadeira do Boi, como uma tradição reinventada e ressemantizada através da oralidade de mestres e brincantes. Sensibilizamos o olhar para perceber as interações culturais, as representações e apropriações expressas nos múltiplos sentidos do reisado, enquanto expressão artística, modo de saber-fazer, expressão de identidade cultural e afirmação de valores individuais e coletivos, bem como a percepção dos brincantes sobre o impacto da institucionalização e de elementos da contemporaneidade no saber fazer local. Aqui, a memória social do reisado, é construída nas bases teóricas da História do Tempo Presente, da História Cultural e da Antropologia Social, seguindo o percurso metodológico da oralidade, da observação etnográfica e da cultura escrita, a fim de perceber a reelaboração da brincadeira no tempo presente.

Palavras-chave: Reisado. Tradição. Apropriação. Reelaboração Cultural.

¹ Acadêmica de Mestrado em História e Culturas, pela Universidade Estadual do Ceará – MAHIS/UECE, com bolsa Caps, sob a orientação do professor Dr. Gerson Augusto de Oliveira Junior.

Valeria.a.pontes@hotmail.com.

² Professor do Mestrado Acadêmico em História e Culturas – MAHIS/UECE. Professor Orientador.

Partindo de um contexto geral para o particular, observamos no Brasil, que o Reisado é produto da cultura histórica local. Resulta da hibridização colonial introduzida ao longo do processo de colonização, obtendo fácil adaptação principalmente no Nordeste brasileiro.

Trata-se de um folguedo extremamente sincrético. E por folguedo, entendemos como elemento fundamental, destacar as considerações de Câmara Cascudo, para que o leitor entenda algumas características que o nosso objeto de estudo dá a ver e a ler, desde que saibamos analisar com aprofundamento os seus significados.

Manifestação folclórica que reúne as seguintes características:
1) Letra (quadras, sextilhas, oitavas ou outros tipos de versos); 2) Música (melodia e instrumentos musicais que sustentam o ritmo); 3) coreografia (movimento dos participantes em fila, fila dupla, roda, roda concêntrica ou outras formações); 4) Temática (enredo da apresentação teatral). (CASCUDO, 2000, p. 241)

No Brasil, ele se apresenta dividido nas mais diversas tipologias. Atrai multidões com suas dramatizações, toadas e cantigas envolvendo personagens cômicos e líricos como o Coronel Cazusa, dono da fazenda, a Donana sua esposa, Vaqueiros, Damas e os entremezes³ do Boi, da Burrinha e etc. São feitos versos improvisados ao som da sanfona, triângulo e zabumba, embaixadas e batalhadas, sendo os personagens, humanos, “bichos” e seres fantásticos humanizados que alegrem toda a brincadeira (BARROSO, 1996). Seja como for, o reisado é definido como um folguedo de “origem indígena, portuguesa e africana” como sugere a folclorista Nilza Botelho Megalhe, na obra “Folclore Brasileiro”:

Indígena por apresentar nos rituais personagens mascarados, com muitos adornos no corpo e ritmos próprios; portuguesa por ser uma festa religiosa, de devoção popular natalina e africana por apresentar uma mistura de crenças religiosas com rituais característicos de umbanda e candomblé em homenagens a vaqueiros, com a utilização de batuques, sambas e instrumentos de percussão (2000, p. 25-6).

³ Pequenas dramatizações ou apresentações.

Ao analisarmos o referencial bibliográfico em estudo, entrevistas e apresentações dos brincantes, percebemos a euforia, a energia depositada na incorporação dos personagens. No reisado, o corpo é o ser brincante, e esse corpo não se encontra vazio, mas está cheio de expectativa e estabelece uma relação de magia e encantamento com o seu público.

Ali público e ser brincante se encontram, seja pelo poder das palmas, dos versos, dos ritos, pelo som do triângulo, da zabumba, da sanfona, ou pelos personagens cômicos, ou ainda pela bravura do vaqueiro que nos faz lembrar os tempos de infância nos currais das fazendas. Ou mesmo pela euforia de ser índio, de ser o Boi tão valente e ao mesmo tempo tão amado, que carrega tantas histórias e memórias vividas desde o processo de sua construção, do montar do grupo, de seus figurantes, adereços e todo o conjunto de materialidades que consiste num valor imensurável para o grupo que o caracteriza a seu gosto, com seus recursos, de forma caprichosa para fazer um bela apresentação, daquilo que ao olhar do grupo e/ou do Mestre caracteriza os traços culturais de nosso povo.

De acordo com o folclorista Florival Seraine, em artigo intitulado “O Reisado no Interior Cearense” é possível perceber essa tradição intrinsecamente ligada com os modos de vida do homem sertanejo, ela transcende as barreiras da temporalidade através do binômio tradição e modernidade e continua a ‘brincar’ nos dias atuais.

Os que exibem o conhecido folguedo popular são caboclos que se acostumaram desde crianças com os animais que se acham simbolizados em seus personagens, no cenário agreste daquelas ‘ribeiras’ em que desde os primórdios do século XVIII começam a apontar aqui e ali as fazendas de criação. Aqueles animais e demais figuras apresentadas são elementos de um reduzido ‘mundo’, cuja imagem se encontra ligada fortemente as personalidades desses novos sertanejos. O folguedo teria sido aceito, especialmente, pela facilidade com que pode ser adaptado à configuração cultural preexistente na sociedade onde é exibido. (SERAINÉ, 1954, p. 33)

Considerando a cultura histórica do lugar de onde se fala, Sobral é uma cidade ribeirinha situada às margens do Rio Acaraú, sua origem foi a partir da

“Fazenda Caiçara” e dentre seus primeiros habitantes destaca-se o capitão Antônio Rodrigues Magalhães, segundo Frota (1995). Considerando aqui, que do final do século XVII a meados do século XVIII o povoamento do Ceará, ocorria pela via litorânea e pelas cabeceiras dos rios. “Os cursos de águas foram fundamentais no povoamento europeu do sertão brasileiro. [...] Esses rios orientavam a penetração dos colonizadores pelo interior”. (ROCHA, 2003, p.24).

A brincadeira dos Bois e Reisados teve fácil adaptação principalmente no Norte e Nordeste, devido à presença do gado na economia local, foi adquirindo cores e características regionais. Em alguns Estados brasileiros, esse folguedo pode ser comemorado em qualquer época do ano não só no período das festas natalinas (época da natividade) até o dia de Reis (06 de janeiro).

Durante esse período, as fazendas consistiam em lugares de apoio para aqueles viajantes e para o criatório de gado “trazido pelos portugueses das ilhas de Cabo Verde” para viverem soltos nas intensas faixas de terras, na criação extensiva, buscando pasto e água e desbravando muitos territórios. “Os primeiros lotes instalaram-se no agreste pernambucano e na orla do recôncavo baiano, suficientemente distanciados dos engenhos para não estraviar os canaviais. Daí se multiplicaram e dispersaram em currais”, (RIBEIRO, 1995, p. 338) que se estendiam ao longo dos rios considerados permanentes formando as chamadas “ribeiras pastoris”.

Inicialmente, o gado foi encaminhado para aquelas regiões propícias as fazendas de engenho de açúcar, servido para fornecer alimento como carne, leite, mover as moendas dos engenhos, além de ser um importante meio de transporte da cana de açúcar. Neste sentido, podemos estabelecer uma relação entre a forte presença do gado na economia local, durante o período supracitado.

Segundo Frota (1995, p. 29), “em 1780 haviam no Ceará 972 fazendas [...] lastro dessa abastança era realmente e exclusivamente o Boi que, em si e a um só tempo, mercadoria, frete e transporte”. Era muito bem visto pela metrópole, no entanto, por se caracterizar pela produção extensiva, foi

inevitável não se tornarem prejudiciais aos grandes canaviais, como apontam os estudos de Caio Prado Júnior (1994) sobre a formação econômica do Brasil.

Como essa cultura era feita no litoral, o rei de Portugal proibiu a criação de gado numa faixa de dez léguas a partir dessa área. Com isso, o gado foi empurrado para o sertão dando início, por volta do século XVII, ao processo de exploração e povoamento do interior brasileiro, por meio da pecuária extensiva. Esta se desenvolveu em duas principais regiões brasileiras: no sertão do Nordeste e nos campos do Rio Grande do Sul” (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 45).

A difusão da criação do gado se dava através da compra dos animais à coroa portuguesa e esta realizava a doação de sesmarias para sua criação e estabelecimento dos currais que seriam entregues aos cuidados de vaqueiros. Sobre isso, é interessante frisar que, nos currais viviam os vaqueiros e seus ajudantes, responsáveis por cuidar do gado, da lavoura e esperançosos de através do pagamento por quarteação⁴, estruturarem o seu próprio criadouro. Periodicamente, passavam os boiadeiros que arrebanhavam o gado para conduzi-lo sertão afora, até a costa onde seria vendido. “Traziam o sal e poucas coisas mais do que necessitavam os vaqueiros, afeitos a vida no ermo, moldados pela atividade pastoril, tirando do gado quase tudo do que careciam”. (RIBEIRO, 1995, p. 339)

Portanto, as histórias e memórias permeiam o imaginário das pessoas sobre a construção do “ser vaqueiro” ou outro personagem que faz sentido para quem brinca, que fala de si e do outro que comunga da festa. Os vaqueiros eram acostumados a viver da administração das fazendas e estas, lhe conferem prestígio em relação “aos escravos da lavoura da cana, como também em relação aos trabalhadores da fazenda de gado os quais viviam diretamente sob suas ordens” (BARBOSA, 2006, p. 32). E esse misticismo sobre a identidade do vaqueiro fazia com que muitos optassem por esse tipo de trabalho.

⁴Prática utilizada nos currais das fazendas, onde aqueles vaqueiros que cuidavam do gado ganhavam um bezerro a cada quatro nascidos no ano. E só com a introdução no Brasil do gado raceado nas primeiras décadas do século XX que o vaqueiro se torna assalariado. (ANDRADE, 1973, p.170 *apud* BARBOSA, 2006, p. 37)

Nesse sentido, formula Capistrano de Abreu (1982, p.134) o povo “dos sertões da Bahia, Pernambuco e Ceará tem pelo exercício nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenhos ser nela ocupada, constituindo toda a sua maior felicidade em merecer o nome de vaqueiro”.

Os núcleos formados nos currais plantavam roçados e amansavam umas vacas para terem leite, coalhada e queijos. Carneavam por vezes, uma rês, garantindo-se assim uma subsistência mais farta e segura do que a de qualquer outro núcleo rural brasileiro. As relações com o dono das terras e do rebanho tendiam a assumir a forma de uma ordenação menos desigualitária que a do engenho, embora rigidamente hierarquizada. O senhor, quando presente, se fazia compadre e padrinho, respeitado por seus homens, mas também respeitador das qualidades funcionais destes, ainda que não de sua dignidade pessoal. Entretanto, tal como ocorre com os povos pastoris, a própria atividade especializada destacava o brio e a qualificação dos melhores vaqueiros na dura lida diária no campo. (RIBEIRO, 1995, p. 339-340)

Dessa forma, no nordeste brasileiro foi se firmando um povo com uma subcultura própria, repleta de dualismos nas relações hierarquizadas. Um povo que se acostumou a viver migrando e cuidando das fazendas que se distanciavam uma da outra territorialmente, mas por ser habitada por uma cultura sertaneja, não só o gado era o elemento que os aproximava. Seus traços “no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo” eram facilmente identificáveis (RIBEIRO, 1995, P. 338).

Nessa perspectiva, podemos caracterizar o reisado brincado na Cidade de Sobral na tipologia de Reisado de Careta, considerando aqui, as tipologias do reisado no Brasil segundo Ulisses Passarelli (2006).

Essa tipologia tem por núcleo dramático uma família patriarcal formada pelos caretas (mascarados). A família é chefiada por um casal de velhos pecuaristas, espirituosos e bem-humorados, e os filhos distribuem-se em profissões diversas (magarefe, poeta, vaqueiro, etc.) como sugere os estudos de Oswald Barroso (1996). Lembrando que dentro do Reisado de Careta, a duração da brincadeira, os personagens, a quantidade de brincantes, as formas de fazer, os adereços, a quantidade de versos dançados e bailados ao

som do baião depende da criatividade de Mestres e Brincantes e com o “padrão” que querem apresentar, escolhendo entre manter formas mais tradicionais ou dinamizar a brincadeira para atender as expectativas do tempo presente.

Por ser um auto festejado do período natalino ao dia de reis (06 e Janeiro), traz uma forte presença do catolicismo popular no momento de abertura da porta, com o cortejo de anunciação do nascimento do menino Jesus pelos Reis Magos, que em Sobral, se apresentam no início da brincadeira, especificamente nos grupos reiseiros dos distritos de Aracatiaçu e Taparuaba. Nos grupos da sede da cidade, que aqui, escolhemos delimitar e problematizar chamaremos de Brincadeira do Boi, pois a Abertura da Porta começa com o pedido do Bascarrasco ao Dono da Casa, o Capitão, para que eles possam apresentar o seu grupo. Após a autorização do Capitão, entram os brincantes: o casal de Velhos pecuaristas Cazuza e Donana, os vaqueiros Mateus e Elizeu, os bichos como a cobra, a burrinha e o boi, o babá, caburé e outros que podem ser incorporados dependendo da vontade e criatividade dos Mestres.⁵

O folguedo da Brincadeira do Boi teve fácil adaptação principalmente no Norte e Nordeste devido à presença do gado na economia local, foi adquirindo cores e características regionais. Em alguns Estados brasileiros esse folguedo pode ser comemorado em qualquer época do ano não só no período das festas natalinas (época da natividade) até o dia de Reis (06 de janeiro).

Não ignoramos que o costume de festejar os Reis é de ascendência europeia, ligando-se o Reisado a tradição das ‘Janeiras’ e ‘Reis’ lusitanos.

Que há folguedos com o Boi em certas localidades portuguesas, buscando citar as Tourinhas minhotas, os Touros da Canastra e as touradas cômicas.

Que do presépio talvez fossem recolhidos personagens animais, para a elaboração do auto.

⁵Responsável pelo processo de iniciação, preparação dos brincantes e organização e montagem de todo o grupo. É a maior referência dentro do Reisado, que a partir da intervenção do poder público local, passaram a receber esse nome que até então era apenas Bascarrasco ou dono do Boi. Esse é um marco de influência da política cultural dos Mestres da Cultura do governo federal.

Que este em seu aspecto fundamental do motivo do Boi, talvez venha a ser uma sobrevivência geral do paganismo, com outras sobrevivências incorporadas ao catolicismo popular da Europa. (SERAINÉ, 1954, p. 33)

Tomando por base as reflexões acima, não buscamos encontrar origens, mas sim, trabalhar a partir das representações do folguedo hoje. Sendo assim, ele nos permitem entender que “(...) o passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano” (THOMPSON, 1981, p. 50). Assim, a tarefa do historiador consiste em captar a pluralidade dos sentidos inseridos nos comportamentos vistos como ação simbólica (GEERTZ, 2008) e compreender a construção dos significados presentes no imaginário social e as mudanças que ocorrem em diferentes tempos e espaços.

Essa diversidade de formas de brincar o Reisado, se faz presente em todo o Brasil, dada as diversas tipologias existentes. E em Sobral as diferenças ecoam entre os grupos da própria sede e dos distritos. Essa mudança de sentidos e significados como afirmou a antropóloga Sylvia Porto Alegre é a

[...] ressemantização dos símbolos da identidade, em que antigos usos e costumes, preservados e transmitidos de geração a geração, vão se modificando e adquirem novos significados e novas funções, em faces de interesses e conjunturas do momento presente (1998, p.14).

Ao fazermos uma análise das representações e significados do folguedo sobralense, optamos por aproximá-lo da antropologia social e da pesquisa etnográfica⁶, a fim de perceber as fronteiras simbólicas no interior das experiências dos grupos, e os significados que atribuem a eles, considerando “que a relação entre o desempenho de papéis e um conjunto de símbolos constitui uma questão estratégica para a antropologia social” (VELHO, 1981, p.17)

⁶ Sobre método etnográfico ver AGROSINO, Michael. Etnografia e Observação Participante. São Paulo: Bookman; Artmed, 2009.

Nesta pesquisa, em que escolhemos trabalhar com três grupos de brincantes da sede de Sobral, optamos por seguir as seguintes considerações sobre o reisado no Brasil:

É mister porém, antes de mais nada, esclarecer o que considere como um reisado: são as manifestações folclóricas natalinas, coreográfico musicais, baseadas direta ou indiretamente nos costumes ibéricos do Ciclo do Natal, tendo ou não preservado o fundo religioso e independente da existência de um entrecho dramático, de peças teatralizadas, figuras de entremeio ou simulacros guerreiros. (PASSARELLI, 2006, p.1).

O Boi, carregado de simbolismo, “magia” e “encantamento” como nos sugere Oswald Barroso, é aclamado em versos, palmas e ritmos próprios que envolve admiradores de diversas camadas sociais. Para Oswald Barroso (1996, p.41) sobre as tipologias do folguedo, afirma que

[...]denominavam-se Reisados pequenos grupos de brincantes que, à semelhança dos Ranchos de Animais, reuniam-se em torno de um personagem (um animal, no caso dos ranchos), para apresentar espetáculos cantados, dançados e dramatizados[...].

O bispo sobralense Dom José (1995, p. 517), em seu livro “História de Sobral” narra uma brincadeira que chama de “Bumba meu boi”, e percebemos que se diferencia da forma apresentada nos dias atuais em alguns aspectos. No entanto, sobre os personagens principais, percebemos que são os mesmos, considerando as especificidades do brincar e do dançar em diversas temporalidades.

Data dos mais remotos tempos coloniais o folguedo do Boi. Logo após as festas do Natal aparecia ele com a sua numerosa comitiva, que constava dos seguintes personagens: Velho Cazusa, dono da fazenda. Donana, sua mulher. Mariquinha e Zabelinha, filha do casal. Mateus e Elizeu (Liseu), vaqueiros de confiança. Bas Carrasco, jovem pelintra. Trajava calças curtas, meias, gorro de pluma. (FROTA, 1995, p. 517).

Nos grupos que nos propomos estudar, eles possam se apresentar a qualquer período do ano, normalmente a convite de alguma instituição ou festas particulares em residências. No entanto, ganham maior destaque nos espaços da cidade com suas músicas, dramatizações, danças e versos, do período natalino ao dia de reis (06 de janeiro). Podem inclusive seguir até

fevereiro, e não apresentar um fundo religioso tão intenso ao iniciar a brincadeira, como no caso dos distritos de Aracatiaçu e Taparuaba que traz forte presença dos Reis Magos em aclamação ao nascimento do menino Jesus no momento de Abertura da Porta⁷.

Oswald Barroso (2013), faz uma possível distinção entre o reisado de Careta e o Boi, afirmando que o primeiro faz parte do ciclo natalino e o segundo já começa com a brincadeira no terreiro, na praça ou na rua e em alguns estados acontece no período junino. Dada a amplitude de sua pesquisa de doutorado “Teatro como Encantamento – Bois e Reisados de Careta”, o referido autor escolhe trabalhar com a denominação de Reisado de Caretas que é mais abrangente, em vez de Boi, no entanto esclarece:

“Daí que, em Sobral, por exemplo, onde a denominação de Boi prevalece, durante alguns anos, os grupos de brincantes apresentaram-se nos meses de junho e julho. Hoje, mesmo com a denominação de Boi, eles se apresentam durante o Ciclo Natalino, mas, até mesmo, em municípios vizinhos, como Mucambo, onde a brincadeira faz parte do ciclo natalino, a denominação de reisado de careta é usada. (BARROSO, 2013, p. 25).

Essa é a razão pela qual ao longo da pesquisa analisaremos essa tipologia, característico do sertão pecuário, como “brincadeira do Boi” dada a sua especificidade enquanto uma ramificação do Reisado de Careta, procurando perceber as representações enquanto aspectos da vida cotidiana no sertão, da identidade do vaqueiro e da força da hibridização das tradições na pós-modernidade.



Abertura da Porta é o momento de anúncio do cortejo e do grupo ao iniciar a brincadeira.

Figura 01: Boi caiçara. Apresentação na Boulevard do Arco. 19/01/2007. Fonte: Arquivo da Secult/ Sobral

O brincante Pepeta⁸ (2008) em seu relato oral apresenta o passo a passo da brincadeira na sede de Sobral que analisaremos brevemente a seguir, visto que aprofundaremos em outros momentos da pesquisa. Sobre a *Abertura da Porta*, momento em que o Bascarrasco e/ou Mestre, chega na casa onde vai brincar o seu reisado, apresentando os seus brincantes, seus versos e toadas, ele afirma:

No começo da brincadeira a gente chega defronte a casa do cidadão. Vem o Bascarrasco, os galantes e a tribo de índio cantando o laço. Apresenta “o laço” na chegada. Após o laço, você vai cantar na porta o “ô de casa, ô de fora”, tá entendendo. Apresentando ali tanto ao dono da casa e a dona da casa que o Boi está ali presente, demonstrando que o Boi chegou. (Antonio Pereira do Nascimento, 2008)

Durante as apresentações festivas os brincantes concentram-se em apresentar um reisado bonito, que conquiste a platéia ‘encantada’ com a diversidade de cores, com o cortejo, com a ginga, com a dança e com o riso.

Bascarrasco dentro do Reisado Sobralense é considerado o mediador de todo o reisado, ele é que apresenta os personagens, “puxa” o reisado em música e em verso, organiza no cotidiano a brincadeira, prepara os brincantes para as apresentações. Sempre com vestimentas que combinem com a dos demais brincantes e como seu chapéu grande e vistoso, cheio de plumas e brilhos. Na imagem acima, ele se apresenta logo em destaque a esquerda com roupa branca e dourada, com seu chapéu exuberante, índios e galantes devidamente caracterizados e organizados em filas e semicírculo. O Boi se apresenta muito ornamentado. Ao fundo, percebemos os instrumentos da zabumba, do triângulo e da sanfona que acompanham o grupo durante as apresentações. E para manusear esses instrumentos não pode ser qualquer

⁸ Entrevista realizada em 15 de dezembro de 2008, na residência do senhor Antonio Pereira do Nascimento, sobralense, nascido em 1971 e mais conhecido como Pepeta. É considerado pelos brincantes como um dos maiores Bascarrascos da cidade. No período da entrevista atuava como Bascarrasco no Boi Encantado e Cia da sede de Sobral. Entrevista parte do arquivo da Casa de Cultura de Sobral.

um, tem que ser gente que saber “puxar”, ou seja que sabe tocar um reisado, segundo o brincante Pepeta.

É bem comum os Mestres fazerem essa referência quanto à qualidade da apresentação, tudo tem que está impecável para ser exibido e depois dar se aos fleches de inúmeras pessoas da platéia. Sobre essas questões, na pesquisa chamarei de uma certa padronização das formas de brincar no tempo presente. Consideraremos também, que a partir da intervenção e financiamento do poder público local, a brincadeira ganhou tanta visibilidade que passou a brincar em casas, bairros, distritos e principalmente no corredor histórico e cultural sobralense, tombado em 1999 e ganhando visibilidade na agenda cultural do município, marcando o início do calendário anual de eventos da cidade.

Como pesquisadora/participante acompanhei esse Projeto “Encontro de Bois e Reisados” da Secult/ Sobral como estagiária, durante o período de 2007 e 2008. Assim, foi possível sentir a preocupação e a seriedade de grande parte dos Mestres na organização do Reisado. O que indica que eles também atuam como sujeitos observadores e exigentes, estabelecendo padrões nas formas de fazer reisado em Sobral e realizando cobranças à Secretaria de Cultura e Turismo do município, para fazerem suas apresentações com um bom som, espaço bem ornamentado, organizado, e etc. Atualmente, esse projeto conta com 30 grupos inscritos, sendo que 10 são grupos infantis e os demais são grupos adultos. Do período natalino ao dia de reis realizam diversas apresentações em bairro, distritos e principalmente no corredor cultural da cidade.

Com isso, percebe-se que a tradição da brincadeira do Boi perpassa as questões de interação cultural, na medida em que apresenta um universo de sentidos e significados reinventados por cada grupo, por cada ser brincante, pelo poder público local. Inclusive os usos dessa brincadeira vão se modificando, se reelaborando como sugerem os estudos de Oliveira Júnior (1998), onde os pedidos de apresentações ocorrem nas mais diversas ocasiões e por diferentes sujeitos, principalmente isso vem despertando entre os brincantes um espírito de competitividade que varia desde a relevância por

ser o grupo mais tradicional e, portanto, mais experiente, deve ser mais solicitado para fazer as apresentações públicas e ganharem maior relevância identitária dentro da cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de Histórias Colonial: 1500 – 1800 & os caminhos antigos e povoamentos do Brasil*. Brasília: UNB, 1982.

AGROSSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. São Paulo: Dookman; Artmed, 2009.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. *Valeu boi! O negócio da vaqueijada*. Teresina: EDUFPI, 2006.

BARROSO, Raimundo Oswald C. *Reis de Congo*. Fortaleza-Ceará. 1996.

_____. *Teatro como Encantamento: Bois e Reisados de Caretas*. 1ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

BURKE, Peter. *Hibridização Cultural*. 4ª reimpressão., São Leopoldo, RS: Unisinos, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo, 2000.

FROTA, Dom José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MEGALE, Nilza Botelho. *Folclore Brasileiro*. Petrópolis. Editora: Vozes. 2ª Ed. 2000.

OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. *Torém: brincadeira dos índios velhos*. São Paulo: Annablume, 1998.

PASSARELLI, Ulisses. *Reis Magos: história, arte e tradição*. Rio de Janeiro: Léo Chistiano, 2006.

PRADO JUNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 41ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Herbert. *O lado esquerdo do rio*. (...)

SERAINE, Florival. O Reisados no Interior Cearense. *Revista Instituto do Ceará*, nº 68, 1954, 38p.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de Erros*; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ENTREVISTAS ORAIS:

ANTONIO PEREIRA DO NASCIMENTO, 37 anos – Mestre de Reisado, Mestre Pepeta. Entrevista realizada em 15 de Dezembro de 2008, Sobral – Ceará. Arquivo da Secult/ Sobral.

IMAGEM:

Figura 01: Boi caiçara. Apresentação na Boulevard do Arco. 19/01/2007. Fonte: Arquivo da Secult/ Sobral